

Capítulo 156 - Cada um por seu Mestre (Parte 1) — Lucífero desapareceu. No santuário dos Marines Espaciais do Caos, a decadência e a peste haviam se infiltrado até mesmo nos metais e máquinas. Os dutos de ventilação sopravam esporos verde-pálidos, e o ar pesado seria suficiente para sufocar um humano comum. Ao lado de seu trono, um Lorde do Caos mantinha-se firme, encarando Dragan com severidade, como se o acusasse de imprudência e estupidez. Era Tífão, o Senhor da Peste, líder dos Guardiões da Morte e o único, depois de seu Primarca, com poder suficiente para ocupar tal posição. Sua armadura, verde-escura e grotesca, tinha bolhas inchadas que pulsavam como se respirassem. Seu capacete era adornado por chifres afiados e putrefatos, lembrando os de um rinoceronte zumbificado. Agora, Dragan se ajoelhava diante de seu mestre, em sinal de submissão. A voz de Tífão era densa, como a de um afogado, e até mesmo Dragan sentiu seu sangue gelar. Mas o guerreiro não se curvou, respondendo com determinação: — O que eu fiz, senhor? Tífão soltou uma risada amarga. — O que você fez? Acha que suas pequenas artimanhas passam despercebidas? Grande erro! — Chamei você por causa disso. Todos sabemos que lutou ao lado daquele lealista, e também contra ele. Muitos irmãos entendem que há um... destino entre vocês. — Para ser franco, você lembra muito nosso Primarca. — A frase soou quase como um elogio. — Assim como ele, você é confiável, corajoso e poderoso. Um guerreiro recém-nascido, mas que já superou muitos Lordes do Caos. — Mas também tem o mesmo defeito que ele. Um defeito imenso. — Assim como nosso pai, você acredita cegamente no tal destino. — O tom de deboche se intensificou. — Você foi o único que teve contato com a Guarda Imperial. Agora, Lucífero desapareceu. Seus soldados relatam que os imperialistas o aprisionaram... Havia algo de satisfação naquela frase? Dragan não tinha certeza. Enquanto ainda refletia, os portões do santuário se abriram. Guerreiros dos Filhos do Imperador e dos Guerreiros de Ferro entraram em formação. Eles vieram sem convite, armados até os dentes, em número de cerca de vinte de cada legião. Não era um contingente pequeno. As motoserras deles ainda pingavam sangue, indicando conflitos recentes. Isso enfureceu Tífão, que bateu o pé e rugiu: — Se o Forjador de Guerra Honsou não consegue controlar seus cães, eu posso ensinar a vocês o que é educação. Um dos Filhos do Imperador respondeu, furioso: — Foi seu homem quem matou Lucífero! Tífão ergueu sua arma, Ceifador de Homens, e respondeu com frieza: — Ele mereceu. A foice monstruosa, tão grande quanto açoitava o ar, fez os guerreiros retrocederem. Com um único golpe, Tífão partiu o Filho do Imperador ao meio, sua lâmina psíquica cortando como uma rajada de morte. Os outros Marines reagiram à altura, abrindo fogo, mas os disparos apenas fizeram a armadura de Tífão escorrer uma secreção espessa. A dor era como formigamento. Sua armadura, fundida a seu corpo há milênios, transformava cada tiro num incômodo insignificante — como cutucar um tigre com um graveto. Ele avançou, pronto para despedaçar os invasores, mas um machado de combate negro interrompeu o massacre iminente. O recém-chegado vestia uma armadura pesada, negra como a estrela da noite. Seu rosto tinha a firmeza dos Punhos do Imperador, mas seu corpo estava coberto pelo metal prateado dos Guerreiros de Ferro. Seu braço esquerdo, não blindado, brilhava com um metal vivo, assim como o lendário Primarca Ferrus Manus. Era Honsou, o Forjador de Guerra, uma estrela ascendente entre os senhores do Caos. Seu rosto, distorcido pelo ódio, gritava o desejo de reduzir o antigo Tífão a pedaços. Tífão rosnou: — Honsou, você ousa pisar neste santuário do Nosso Pai Generoso? — Foi por causa do seu fracasso que chegamos a isso. — Esta fortaleza já deveria estar a caminho de Cadia! Honsou olhou para Dragan, ainda ajoelhado, e o desprezo em seu olhar doeu como uma facada. — Fracasso? — Ele cuspiu. — Quem alertou o inimigo? Onde ocorreu a rebelião dos mortais? Onde foram avistadas as tropas imperialistas? — Vocês, Guardiões da Morte, vivem falando na Cruzada Negra, mas não param de tramar nos bastidores. Agora, chama Dragan para cá só para protegê-lo? Tífão baixou a arma e caminhou até Dragan, sua presença imensa esmagadora. — Sim. Foi erro dos Guardiões da Morte. E eu vou resolver. — Sua voz era glacial. Ele parou diante de Dragan e agarrou seu ombro com força. — Você se arrepende do que fez? Dragan negou com a cabeça. — Sabe que arruinou um plano grandioso? Dragan acenou que sim. Por um momento, ficaram em silêncio. Então, Tífão ergueu Dragan inteiro, como se fosse esmagá-lo ali mesmo. Seu corpo se contorceu como uma mola e, num movimento giratório, arremessou Dragan como um projétil em direção aos portões abertos do

santuário! Honsou gritou de raiva: — Tífão! Você ainda vai protegê-lo?! Tífão bloqueou seu caminho com a Ceifadora. — E daí? Nós, Guardiões da Morte, nunca sacrificamos nossos irmãos. Vocês, Guerreiros de Ferro, são só um bando de hienas famintas. — Acha mesmo que os Filhos do Imperador, sem Lucífero, podem ajudá-lo a vencer? — Ou... quer testar a famosa resistência dos Guardiões da Morte? Honsou baixou a arma, olhando para Dragan, que já se afastava. — Tanto faz. A morte de um Marine não vale nada nesta fortaleza. — Você pode protegê-lo agora, Tífão... mas não para sempre. Ele partiu com seus guerreiros, deixando o santuário vazio e em ruínas. Tífão respirou fundo, retornando ao seu trono com um pensamento amargo: O destino segue em frente. Ninguém pode detê-lo. Mesmo que custe a própria vida, não há como escapar de seu chamado. Ele fechou os olhos, exausto, e começou a planejar mentalmente a queda de Cadia, decidindo que não queria mais lidar com aquele idiota do Dragan. Tyler estava em seu acampamento, observando Rogero. O cara parecia ter engolido um senhor do Caos maligno — será que iria virar um Lúcio? Tyler decidiu ficar de olho no camarada por um tempo. Apesar do Homem de Ferro ter garantido que Lúcio estava preso, descrevendo-se com humor como uma "prisão ambulante", Tyler ainda não estava convencido. Afinal, eles não tinham matado o sujeito de verdade. Mas, pensando bem, ele não entendia nada de poderes psíquicos nem de programação. Tyler era só um cara que sabia atirar. Fora isso, não servia pra muita coisa. Frustrado, pegou uma lata de comida quente e a abriu. Não tinha ingredientes frescos por ali, e até a habilidosa cozinheira de Letra não fazia milagre com o que tinha. Agora, parecia que as latas iam acabar com sua saúde. — O Departamento Militar e o Tribunal deveriam me pagar mais! — resmungou irritado, até que o rádio emitiu um ruído estranho. Era uma respiração pesada e familiar, carregada de medo e inquietação. Tyler ficou em alerta. — Quem está aí? — Sou eu, Dragan. Seu inimigo. E agora... podemos acabar lutando juntos de novo. — Para fazer aqueles bastardos pagarem! Capítulo 157: Cada Um por Si (Parte 2) Tyler observava um Astartes exausto devorando sua comida. A armadura dele estava cheia de feridas que se retorciam, brotando carnes anormais. Seu olhar era febril e desequilibrado, e ele despejava toda sua raiva nas latas de carne de formiga-urso que Tyler recusara. Quando o guerreiro pegou sua faca tática e esmagou com brutalidade um verme que saltara da lata, mastigando-o até virar uma pasta nojenta antes de cuspir, Tyler começou a duvidar de sua própria decisão. Talvez não devesse ter sido tão gentil com um louco daqueles. Os homens do 15º Pelotão e os comandos não confiavam em Dragan e o mantinham sob a mira de suas armas. Enquanto isso, um Astartes estava a caminho — afinal, com a situação crítica, ter um super-soldado ali já era um milagre que o velho Taikês permitira. Tyler ficou curioso para saber quem seria enviado. Apostava num sargento dos Ultramarines: forte, inteligente e perfeito para lidar com uma fera como Dragan. Mesmo que o cara ainda não tivesse mostrado suas garras... talvez só estivesse machucado. — Tomara que chegue logo — pensou Tyler, ansioso. Tudo mudara rápido demais. Ontem eram inimigos mortais; hoje, cogitavam uma trégua. Se não fosse pelo fato de Dragan tê-lo ajudado uma vez e avisado sobre Lúcio, Tyler nem o deixaria ali. Por fim, vendo Dragan largar a lata vazia, Tyler perguntou: — O que está acontecendo? Dependendo da sua resposta, eu decido o que fazer com você. Seu tom era condescendente — irônico, considerando que um Death Guard caído e um simples humano do Império, destemido diante do Caos, estavam ali frente a frente. Mesmo com o poder do santo em seu colar quase esgotado, Tyler não sentia medo. Nem mesmo diante dos braços de Dragan, que poderiam arrancar seu pescoço como garras de fera. Talvez a coragem viesse do antigo Homem de Ferro, ou talvez ele tivesse superado seu próprio medo. Mas, seja como for, a inquietação logo voltou. Depois de Dragan contar sua história, Tyler hesitou: — Filhos do Imperador e Guerreiros de Ferro? Quase perguntou a Rogero se podia soltar Lúcio só pra negociar com aqueles malucos. — Dá pra fazer as pazes com essa gente? Mas era uma ideia absurda. Lúcio era um pesadelo. Ele podia se matar de propósito só para possuir o corpo de algum soldado da Guarda Imperial... ou até de um Astartes. Se Tyler tivesse que encarar Lúcio de novo, preferia enfrentar outro príncipe-demônio. Pelo menos aquelas coisas só matavam — não roubavam corpos! Desistiu da ideia e voltou a falar com Dragan: — O que me intriga é por que você veio até mim, justo quando estava encurralado. Havia um tom de mágoa em sua voz. Dragan riu com amargura. — Porque os outros são piores. Os Guerreiros de Ferro são obcecados, os Filhos do

Imperador só pensam em putaria, e o resto? — Ele cuspiu. — A maioria dos seguidores do Caos são malucos. Se tenho que escolher, prefiro um cara esperto, mesmo que queira me matar. No fim, você não é diferente deles. Tyler revirou os olhos. — Eu não quero a sua vida, seu paranoico! — Por que todo traidor do Caos acha que o mundo gira em volta dele? Dragan apenas sorriu, cansado, e se levantou. Sua armadura já estava regenerada — era estranho descrever metal "curando", mas era um dom do Deus do Caos. Então, ele lançou o ultimato: — Ou a gente colabora, ou eu vou embora.

<http://portnovel.com/book/29/5150>